

INSTITUTO FEDERAL GOIANO – IFGOIANO  
CAMPUS AVANÇADO IPAMERI  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO (*LATU SENSU*) EM DOCÊNCIA  
DO ENSINO SUPERIOR

MAIRA APARECIDA BRANDÃO DE FREITAS

**O ENSINO DE HISTÓRIA NA UEG/PIRES DO RIO-GO – ANÁLISE  
DAS PRODUÇÕES DE TCC'S**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal Goiano, Campus Avançado Ipameri, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Docência no Ensino Superior orientado pela Ms. LAIANE FERNANDES JERÔNIMO.

Sistema desenvolvido pelo ICMC/USP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

**Sistema Integrado de Bibliotecas - Instituto Federal Goiano**

FF866e Freitas, Maira Aparecida Brandão de  
O Ensino de História na UEG/Pires do Rio-GO -  
Análise das produções de TCC\'S / Maira Aparecida  
Brandão de Freitas; orientadora Laiane Fernandes  
Jerônimo. -- Ipameri, 2020.  
29 p.

Monografia (Graduação em Especialização em Docência  
do Ensino Superior) -- Instituto Federal Goiano,  
Campus Ipameri, 2020.

1. Ensino de História. 2. Universidade Estadual de  
Goiás (UEG). 3. Trabalhos de Conclusão de Curso  
(TCC\'S). I. Jerônimo, Laiane Fernandes, orient. II.  
Título.

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

**Identificação da Produção Técnico-Científica**

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Tese  | <input type="checkbox"/> Artigo Científico              |
| <input type="checkbox"/> Dissertação                                 | <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro              |
| <input checked="" type="checkbox"/> Monografia – Especialização      | <input type="checkbox"/> Livro                          |
| <input type="checkbox"/> TCC - Graduação                             | <input type="checkbox"/> Trabalho Apresentado em Evento |
| <input type="checkbox"/> Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ |   |

Nome Completo do Autor: **Maira Aparecida Brandão de Freitas**

Matrícula: **2019212301630033**

Título do Trabalho: **O Ensino de História na UEG/Pires do Rio-GO – Análise das Produções de TCC'S**

**Restrições de Acesso ao Documento**

Documento confidencial:  Não  Sim, justifique: \_\_\_\_\_

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: **18/03/2021**

O documento está sujeito a registro de patente?  Sim  Não

O documento pode vir a ser publicado como livro?  Sim  Não

**DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA**

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

\_\_\_\_\_  
Local

\_\_\_\_\_  
Data

*Maira Aparecida Brandão de Freitas*

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

Ciente e de acordo:

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) orientador(a)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

Ata nº 1/2021 - CMPAIPA/IFGOIANO

## PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

### ATA Nº 01/2021

## BANCA EXAMINADORA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos oito dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e um, às 9h00min (nove horas) reuniram-se os componentes da banca examinadora em sessão pública realizada por videoconferência, para procederem a avaliação da defesa de Trabalho de Conclusão de Curso, em nível de especialização, intitulado "**O Ensino de História na UEG/Pires do Rio - Análise das Produções de TCC's**", de autoria de **Maíra Aparecida Brandão de Freitas**, discente do Programa de Pós-Graduação *Latu Senso* em Docência do Ensino Superior, do Instituto Federal Goiano - Campus Avançado de Ipameri. A sessão foi aberta pelo(a) presidente da Banca Examinadora, Prof. M.a. Laiane Fernandes Jerônimo, que fez a apresentação formal dos membros da Banca. A palavra, a seguir, foi concedida o(a) autor (a) para, em 30 min., proceder à apresentação de seu trabalho. Terminada a apresentação, cada membro da banca arguiu o(a) examinado(a), tendo-se adotado o sistema de diálogo sequencial. Terminada a fase de arguição, procedeu-se a avaliação da defesa. Tendo-se em vista as normas que regulamentam o Programa de Pós-Graduação *Latu Senso* em Docência do Ensino Superior, e procedidas às correções recomendadas, o Trabalho de Conclusão de Curso foi **APROVADO**, com a média final **95**, considerando-se integralmente cumprido este requisito para fins de obtenção do título de Especialista em Docência do Ensino Superior, na área de concentração em Educação, pelo Instituto Federal Goiano - Campus Avançado de Ipameri. A conclusão do curso dar-se-á quando da entrega na secretaria do Programa de Pós-Graduação *Latu Senso* em Docência do Ensino Superior da versão definitiva do Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação em Docência do Ensino Superior, com as devidas correções. Assim sendo, a defesa perderá a validade se não cumprida essa condição, em até **60 (sessenta) dias** da sua ocorrência. A Banca Examinadora recomendou a publicação dos artigos científicos oriundos desse Trabalho de Conclusão de Curso em periódicos após procedida as modificações sugeridas. Cumpridas as formalidades da pauta, a presidência da mesa encerrou esta sessão de defesa de Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização, e para constar, foi lavrada a presente Ata, que, após lida e achada conforme, será assinada eletronicamente pelos membros da Banca Examinadora.

Membros da Banca Examinadora

Nome	Instituição	Situação no Programa
Laiane Fernandes Jerônimo	IFGoiano - Campus Avançado de Ipameri -	Presidente

	Prestador de Serviço	
Hilma Aparecida Brandão	IFGoiano - Campus Avançado Ipameri	Membro interno
Marilena Julimar Aparecida Fernandes Jerônimo	Secretaria Municipal de Educação de Ipameri - Goiás	Membro externo

Documento assinado eletronicamente por:

- **Maira Aparecida Brandão de Freitas**, 2019212301630033 - Discente, em 19/03/2021 17:51:32.
- **Marilena Julimar Aparecida Fernandes**, Marilena Julimar Aparecida Fernandes - Professor Avaliador de Banca - Prefeitura Municipal de Ipameri (1), em 14/03/2021 10:34:53.
- **Laiane Fernandes Jeronimo**, Laiane Fernandes Jeronimo - 3331 - INSTRUTORES E PROFESSORES DE CURSOS LIVRES - Instituto Federal Goiano (1), em 12/03/2021 19:50:09.
- **Hilma Aparecida Brandao**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 12/03/2021 17:51:07.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 12/03/2021. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifgoiano.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 248731  
Código de Autenticação: 95e19f23bc



INSTITUTO FEDERAL GOIANO  
Campus Avançado Ipameri  
Av. Vereador José Benevenuto (GO - 307), Zona Rural, None, IPAMERI / GO, CEP 75780-000  
(64) 3491-8400

## O ENSINO DE HISTÓRIA NA UEG/PIRES DO RIO-GO – ANÁLISE DAS PRODUÇÕES DE TCC’S

Freitas, M. A. B. de<sup>1</sup>, Jerônimo, L. F.<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo apresenta como tema o ensino de História, objetivando investigar o processo educacional do Curso de História da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Unidade de Pires do Rio-GO, bem como compreender a concepção de ensino de História do ponto de vista dos acadêmicos concluintes. Para isso analisamos cinco Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC’S) do referido curso, com a intenção de responder aos seguintes questionamentos: Qual a finalidade do ensino de História? Como os discentes expõem o ensino de História em suas produções? Trata-se de uma pesquisa desenvolvida por meio de uma revisão bibliográfica sobre as diferentes metodologias utilizadas para se ensinar História e o entendimento da finalidade do ensino de História, a partir de autores como: Fonseca (2003), Bittencourt (2011), Schmidt (2015). Priorizou-se uma abordagem qualitativa de dados. Assim, com base nas fontes elencadas pode-se perceber que a UEG de Pires do Rio-GO acompanha as mudanças ocorridas na forma de ensinar História dentro do ambiente escolar, inovando sua metodologia de ensino. Isso se reflete nas produções dos discentes, que mantem esse debate cada vez mais atualizado.

**Palavras-chaves:** Ensino de História, Universidade Estadual de Goiás (UEG), Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC’S).

### ABSTRACT

This article presents the teaching of History as its theme, aiming to investigate the educational process of the History Course at the State University of Goiás (UEG), Pires do Rio-GO Unit, as well as to understand the concept of teaching History from the point of view of graduating academics. For that, we analyzed five Course Conclusion Works (TCC’S) of that course, with the intention of answer the following questions: What is the purpose of teaching History? How do students expose the teaching of history in their productions? It is a research developed through a bibliographic review on the different methodologies used to teach History and the understanding of the purpose of teaching History, from authors such as: Fonseca (2003), Bittencourt (2011), Schmidt (2015). A qualitative approach to data was prioritized. Thus, based on the listed sources, it can be seen that the Pires do Rio-GO UEG follows the changes that have occurred in the way of teaching history within the school environment, innovating its teaching methodology. This is reflected in the productions of the students, who keep this debate more and more updated.

**Keywords:** History Teaching, State University of Goiás (UEG), Course Conclusion Works (TCC’S).

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pós-Graduação em Docência do Ensino Superior, do Instituto Federal Goiano-IFGoiano, Campus Avançado Ipameri. [Mayra1brandao@hotmail.com](mailto:Mayra1brandao@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professora do Instituto Federal Goiano-IFGoiano, Campus Avançado Ipameri, Mestre em História Social na linha de Política e Imaginário pela Universidade Federal de Uberlândia. [laiane\\_ferj@hotmail.com](mailto:laiane_ferj@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

A sociedade passa por grandes transformações ao longo do tempo e a disciplina de História acompanha essas mudanças alterando sua metodologia de ensino para atender a demanda sociopolítica vigente. Isso reflete diretamente na prática exercida dentro de sala de aula que busca um ensino-aprendizagem de qualidade para seus discentes. Fator que pode ser observado nas produções historiográficas e educacionais feitas pelas instituições de ensino superior que demonstram uma diversidade de temas, problemas, abordagens e fontes que são relevantes para o ensino de História. Sendo assim, analisamos, nesta pesquisa, se há essa diversificação metodológica no processo educacional do Curso de História da UEG de Pires do Rio-GO, com o objetivo de compreender a concepção de ensino de História que é formulada pelos acadêmicos ao final do curso.

Porém, deve se considerar que o ensino de História sofreu transformações significativas com o passar do tempo. A esse respeito Fonseca (2003) descreve que tanto a História como a própria sociedade passaram por mudanças, alterou seus enfoques e passou a dar mais atenção ao cotidiano das pessoas. O ensino deixou de ser voltado para a elite e se democratizou, aproximou-se do cotidiano dos alunos e possibilitou a atuação crítica dos sujeitos na sociedade.

Em se tratando das mudanças ocorridas no ensino de História Silva, Fonseca (2007, p. 130) descrevem que

No caso do ensino de História, tantas décadas de debate permitiram um alargamento infinito de temas e materiais para sua realização, em consonância com a pesquisa histórica num passeio pelas ruas, numa visita a um terreiro de candomblé ou numa partida de futebol, para não falar em museus, arquivos, cinemas, teatros e similares.

Observando que é possível ensinar História a partir do ambiente em que o indivíduo se encontra, demonstrando que a história não é uma coisa distante do seu cotidiano. Dessa forma, a inserção de novas metodologias<sup>3</sup> no ensino de História tem a capacidade de transformar a comunicação dentro da sala de aula proporcionando um ensino crítico e participativo, que aproxime professores e alunos. Essas novas formas de ensino abrem espaço para o desenvolvimento de atividades que necessitam do uso do ambiente acadêmico, de mídias ou ainda da realização de trabalhos de campo que envolvam o tema estudado. Fatores que possibilitam o resgate da memória e da História local dos indivíduos envolvidos.

---

<sup>3</sup> Ao referir sobre as novas metodologias entende-se de acordo com Moran (1997, p. 1) como “o livro, a revista, o jornal, o gravador, o retroprojetor, a televisão, o vídeo que são tecnologias importantes e muito mal utilizadas em geral.”

Entretanto, quando os docentes não utilizam as novas metodologias de maneira correta dentro do processo educacional, os acadêmicos ficam inseguros e desmotivados para fazer uso dessas técnicas em suas produções científicas. A esse respeito Bittencourt (2011, p. 330) menciona que “a má seleção deles [novos recursos] compromete os objetivos iniciais propostos no plano de aula, ao passo que sua complexidade e extensão podem criar uma rejeição pelo tema ou pelo próprio tipo de material.” Um passo fundamental que influencia diretamente na construção do conhecimento pelo acadêmico. Mas, quando esta contribuição é positiva proporciona as condições necessárias para se posicionar enquanto sujeito crítico e atuante na sociedade.

Assim, o docente deve estar atento ao propósito do uso desses novos recursos para que atendam às exigências educacionais do curso e da instituição de ensino superior à qual está inserido como aponta Zamboni (1998, p. 01)

para atender às exigências educacionais, o nosso olhar dirige-se a várias situações – uma delas ligada à apreensão e construção do conhecimento em sala de aula, isto é, a relação de aprendizagem existente entre os professores e os alunos –, e a outra, às múltiplas mercadorias produzidas pela indústria cultural, como vídeos, livros, filmes, pinturas, gravuras, fotografias, enfim, todos os materiais considerados didáticos.

Visando atender essas exigências educacionais que se levantou os seguintes questionamentos: Qual a finalidade do ensino de História? Como os discentes expõe o ensino de História em suas produções?

Apona-se como hipótese que as produções científicas do Curso de História da UEG de Pires do Rio-GO são permeadas por diferentes metodologias para discutir diversas temáticas históricas. Essa diversificação metodológica torna o ensino de História mais atrativo para os discentes estimulando seu interesse pelo conteúdo (BITTENCOURT, 2011, p. 327). Além do mais, o uso de novas linguagens proporciona um outro olhar para o ensino de História se aproximando do cotidiano dos acadêmicos o que facilita sua compreensão, dando oportunidade para o indivíduo entender o mundo ao seu redor e a sociedade na qual está inserido, como afirma Fonseca (1990, p. 205)

Grande parte dos artigos publicados em revistas e livros especializados, atualmente, relatam experiências de professores e alunos que, ansiosos por mudança passaram a utilizar diferentes linguagens no processo ensino/aprendizagem. Partindo de um alargamento da noção do que é História, de seus objetos e das formas como se manifestam no social. [...] As experiências com trabalhos através de músicas, da literatura, do cinema, da fotografia, etc. revelam possibilidades de se substituir ou confrontar a “única” linguagem “oficial” do livro didático com estas outras, que muitas vezes são desprezadas pelo historiador.

Assim, como metodologia para o desenvolvimento deste trabalho optou se pela revisão bibliográfica por ser de caráter teórico, o qual analisa os documentos escritos para debater sobre a temática estudada. Este procedimento tem a intenção de proporcionar uma visão geral de um determinado fato (GIL, 2008). Um estudo que conta com a abordagem qualitativa de coleta do material.

Ainda, como técnica de coleta de dados este estudo faz uso da revisão bibliográfica que abrange o levantamento de todo tipo de bibliografia já publicada sobre uma temática específica, como descreve Lakatos, Marconi (2003, p. 183) “sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto.” Para que possa examinar o tema sob novos enfoques e/ou abordagens, chegando a conclusões inovadoras (LAKATOS, MARCONI, 2003).

Dessa forma, a presente pesquisa foi dividida em dois tópicos, contendo: primeiramente uma descrição da trajetória do processo educacional das instituições de ensino superior, para no segundo tópico apresentar a visão dos discentes sobre o uso de diferentes metodologias no ensino de História. Ponto que teve como fonte a análise de cinco Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) produzidos pelos acadêmicos que concluíram o Curso de História da UEG de Pires do Rio-GO, dentre os quais foram elencados os seguintes: “Música caipira na sala de aula: vamos ouvir e aprender História” de Taísa Ferreira Tavares (2015), “Todas as cores do negro: de todas as cores as mesmas cores” de Eduarda Mesquita Silva (2018), “A Era Vargas a partir do filme Olga (2004)” de Tolentino de Freitas Silva Neto (2018), “Lendo nas entrelinhas dos quadrinhos: o ensino de História de Goiás a partir da Revista *Doca e Lucas*” de Marcelo Augusto Faria Fontes (2016) e “História de vida de professores – aposentado, atuante e desistente – em Palmelo-Goiás” de Carolina Silva Barbosa (2015). Esta pesquisa contou ainda com suporte teórico de autores como: Fonseca (2003), Bittencourt (2011), Schmidt (2015), dentre outros, para discorrer sobre o ensino de História e o Ensino Superior. Itens que serão aprofundados ao longo deste artigo.

## **1– TRAJETÓRIA DO ENSINO DE HISTÓRIA NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO**

O ensino de História de acordo com Ruckstadter, Ruckstadter (2010) inicialmente esteve sob a responsabilidade dos jesuítas que chegaram ao Brasil em 1549. Seu sistema educacional priorizava a conversão dos indígenas e a educação da elite colonial. Os referidos autores (2010) continuam descrevendo que o conteúdo ministrado era a interpretação da Grécia

e da Roma antiga, bem como a História da Igreja. Uma forma de ensino que visava a instrumentalização do indivíduo.

Já no século XIX, a História passa a ser tratada como ciência, dando novos enfoques para o ensino de História que passou a “se basear no emprego de uma narração factual seleta, elegendo grandes personagens, acontecimentos simbólicos e, eventualmente, mitos fundadores.” (MATHIAS, 2011, p. 42). Com o intuito de esclarecer os acontecimentos importantes ocorridos na História para a população instruída, que nesse momento se refere a elite. O Brasil nesse período incorporava em sua metodologia de ensino características do modelo educativo francês.

Em 1837, a História se torna um componente curricular obrigatório nas instituições de ensino, porém, com um viés religioso que priorizava o ensino da ordem, obediência e hierarquia. A História que era ministrada para os alunos apresentava exclusão social, pois demonstrava a superioridade da elite branca europeia em comparação com a raça mestiça brasileira. Neste sentido, Fonseca (2003, p. 47) relata que “produzia-se e ensinava-se, a julgar pelos programas e pelos livros didáticos, uma História eminentemente política, nacionalista e que exaltava a colonização portuguesa, a ação missionária da Igreja Católica e a monarquia,”

Essa forma de ensino foi reforçada com a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) que ficou conhecida como História Tradicional Positivista, dando voz como aponta Mathias (2011, p. 43) para “o modelo da história ‘quadripartite’: história antiga, medieval, moderna e contemporânea.” Uma forma de ensino cronológico que não abria espaço para inclusão do aluno como sujeito integrante da História. Continuando a repassar a História das elites, onde o sujeito não faz parte.

A partir da década de 1930, houve a criação de instituições públicas de ensino superior como a Universidade de São Paulo (USP) criada em 1934 na cidade de São Paulo, seguindo as normas estabelecidas pela legislação de Francisco Campos que implementou a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (SAMPAIO, 1991). Ainda houve a criação da Universidade do Distrito Federal que não durou muito tempo, sendo fechada em 1935 (SAMPAIO, 1991) e a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (FNFU), no Rio de Janeiro.

Na década de 1940, houve uma expansão no ensino superior com a propagação da ideia de que cada estado tinha direito de pelo menos uma Universidade Federal. Sendo criada ainda outras instituições menores de âmbito estadual e local (SAMPAIO, 1991). Essas instituições possuíam o curso universitário de História e Geografia que tinha o intuito de formar professores para a educação básica. As disciplinas estavam reunidas em um único curso ligadas a Seção de Ciências (FERREIRA, 2013).

O referido curso acompanhou a reforma educacional que ocorreu em 1942, assumindo o compromisso de ensinar História através de datas, acontecimentos e personagens históricos, reforçando a identidade nacional. Uma metodologia de ensino que não abriu oportunidade para análise crítica e reflexiva do acadêmico. Esse método de ensino foi denominado de História Historicizante, que se inseriu tanto no sistema educacional como nos livros didáticos.

Em 1946 estava ocorrendo transformações no cenário educacional, o que ocasionou a implementação, em São Paulo, da Pontifícia Universidade Católica (PUC) e da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Trata-se de uma iniciativa privada que tinha o intuito de preservar os valores católicos e protestantes no ensino (FERREIRA, 2016).

Dentre essas transformações houve a separação das disciplinas de História e Geografia no ano de 1955, o que modificou sua grade curricular dando uma nova identidade para o profissional licenciado. Mudanças que vieram para acompanhar as transformações sociais existentes, com o intuito de atender as demandas do mercado de trabalho que passou pelo processo de urbanização e industrialização, exigindo a qualificação do trabalhador (SAMPAIO, 1991). Essas mudanças contribuíram para a concretização de Reformas Universitárias que tinham o objetivo de tornar o ensino mais acessível, amplo e com funções próximas da realidade social (FERREIRA, 2016). Essas reformas foram resultado de movimentos organizados pela União Nacional dos Estudantes (UNE) entre os anos de 1961 a 1963.

Constatando que em 1961, foi aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), com o objetivo de controlar a expansão do ensino superior determinando o ensino que seria ministrado dentro das instituições, como menciona Ferreira (2016, p. 24) “a LDB representou um passo importante para a reformulação do ensino superior, visando à expansão da pesquisa científica e estimulando a criação de cursos de mestrado e doutorado em diferentes universidades.”

No mesmo ano foi criada a Associação Nacional de História (Anpuh) para defender o conteúdo que deveria ser ministrado no curso de História. Este órgão pregava o estudo da História recente ao invés do estudo de um passado distante da realidade do indivíduo. Mas para essa metodologia de ensino funcionar a formação do professor deveria ser revista e o livro didático deveria ser modificado, dando maior atenção para o estudo da História recente do Brasil (FERREIRA, 2016).

Debates que foram interrompidos com a chegada do regime militar em 1964, o qual deu poder ao Estado para controlar de perto o ensino de História. Permanecendo no viés da História Historicizante como descreve Mathias (2011, p. 45)

A história historicizante ressurgiu ativamente, reforça-se a perspectiva do ensino centrado nos capítulos da história europeia, da linearidade cronológica de ocorrências políticas [...] e do emprego dos acontecimentos factuais e das bibliografias dos grandes personagens.

Trata-se de uma forma de ensino distante da realidade dos alunos, o que dificultava sua compreensão do conteúdo. Com esta metodologia as classes mais baixas da população não eram consideradas como parte integrante da “História Oficial”, presente principalmente nos livros didáticos.

Diante disso, os pesquisadores e educadores começaram a repensar e criticar o sistema de ensino como afirma Oliveira (2012, p. 265) “passaram a não ver sentido na maneira em que os conteúdos eram levados para a sala de aula.” Uma iniciativa que proporcionou o surgimento de novas propostas curriculares que retratem todos os grupos sociais existentes na sociedade ao seu redor se aproximando da realidade dos alunos e ampliando o campo de estudo do professor.

Para entrar em vigor estas novas propostas curriculares, o Governo Federal implementou, em 1968, uma reforma no ensino superior que contou com as seguintes mudanças:

- 1) Aboliu a cátedra e instituiu os departamentos como unidades mínimas de ensino e pesquisa.
- 2) Implantou o sistema de institutos básicos.
- 3) Estabeleceu a organização do currículo em duas etapas: o básico e o de formação profissionalizante.
- 4) Decretou a flexibilidade curricular com o sistema de crédito e a semestralidade.
- 5) Estabeleceu o duplo sistema de organização: um, vertical, passando por departamentos, unidades e reitoria; outro horizontal, com a criação de colegiados de curso, que deveriam reunir os docentes dos diferentes departamentos e unidades responsáveis por um currículo. (SAMPAIO, 1991, p. 15-16)

Essa reforma tentou organizar o sistema das universidades federais e ampliar o acesso a todas as classes, democratizando o ensino. Ponto que ocorreu na década de 1970 como resultado do grande desenvolvimento econômico que houve no país. Neste período observa-se um aumento na quantidade de universidade estaduais, bem como de instituições de ensino superior privado sem fins lucrativos (GOMES et al, 2018).

A ampliação do ensino superior se estendeu aos cursos de pós-graduação que foram aprovados pelo Parecer n. 977/95 sob autoria de Newton Sucupira. Este parecer determinou as novas diretrizes para implementação de cursos de mestrado e doutorado, principalmente no que diz respeito ao mestrado de História, criando um modelo único para sua existência em todo o país, de maneira que consigam articular ensino e pesquisa. A este respeito Falcon (1999, p. 122) afirma que

Os primeiros cursos de mestrado de História transplantaram para o nível de pós-graduação as mesmas segmentações disciplinares existentes na graduação, quando não transferiram também, é oportuno lembrar, muitas das tradições acadêmicas vinculadas às cátedras e a supremacia dos cursos sobre a pesquisa.

Observando que os primeiros cursos carregam um caráter autoritário e conservador característico da Reforma Universitária ocorrida em 1968. Tinham a intenção de suprir as lacunas deixadas pela graduação não avançando na formação do pesquisador.

Na década de 1980 agências de fomento como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) se firmaram como instituições de apoio e desenvolvimento científico, trazendo um novo formato para os cursos de pós-graduação que passam a ter um ensino voltado para a capacitação profissional e o desenvolvimento científico (FERREIRA, 2016).

Com essa iniciativa os cursos de graduação alteraram seu foco passando a formar pesquisadores qualificados para continuar seus estudos nos cursos de pós-graduação. Deixando de lado as habilidades necessárias para a atuação profissional dos acadêmicos que era uma das exigidas dos cursos de licenciatura (FERREIRA, 2016).

No caso específico do ensino de História constata-se que sofreu outras mudanças, se aproximando do marxismo<sup>4</sup>, para dar foco ao materialismo histórico<sup>5</sup>. O ensino de História passa a dar importância para os movimentos sociais e para a luta de classes. O acadêmico, agora, é preparado, para ser cidadão crítico, atuante em uma sociedade democrática.

O ensino passou segundo Fonseca (2003, p. 42) “a discutir diferentes modos de investigar e interpretar a história.” O qual se organiza por temas e problemas, com a intenção de resgatar as experiências do sujeito histórico em diversos tempos e lugares, desconstruindo a ideia de linearidade dos fatos, bem como a ideia de temporalidade cronológica. Gera novas possibilidades de interpretação para a História, a partir dos problemas existentes no cotidiano. Com este método a História se aproximou do professor e do aluno que foram incluídos como sujeitos produtores do conhecimento.

---

<sup>4</sup> Entende-se o **Marxismo** como um sistema ideológico que critica radicalmente o capitalismo e proclama a emancipação da humanidade numa sociedade sem classes e igualitária, pois segundo Kohan (2017, p. 9) “o **Marxismo** é uma teoria crítica da sociedade capitalista. Promove em todo o mundo uma prática política de emancipação, rebeldia, resistência, libertação e revolução. Pressupõe uma concepção de mundo e de vida, da história e do sujeito, que expressa o ponto de vista das classes oprimidas e dos explorados. Como teoria crítica, constitui um saber aberto. É científica, filosófica, ideológica, ética e política ao mesmo tempo.”

<sup>5</sup> “O **Materialismo Histórico** de Marx, se entendido como método de abordagem da realidade social então observada, toma as relações sociais concretas travadas entre os homens como objeto de análise. Não se trata apenas de um método de investigação e classificação esquemática e rígida dos fatos históricos, como faziam os pensadores da corrente positivista, mas, antes, é um método que visa apreender a realidade histórica da humanidade com todos os seus desafios e todas as suas contradições.” (SOUZA, 2013, p. 5)

Sobre essa discussão Mathias (2011, p. 47) relata que

novos temas foram introduzidos nos livros didáticos e nos currículos de história, tais como: cotidiano, família, lazer, sexualidade, gênero, feitiçaria, inquisição, vida privada, infância, memória, mentalidade, imaginário, cultura material, dentre outros.

Assim, o ensino de História incluía a narrativa do cotidiano, levando em consideração a consciência histórica que será formada no indivíduo, neste mesmo cotidiano. Quando o professor em sua prática didática problematiza a relação passado-presente, partindo do conhecimento prévio do aluno para a formação de sua identidade social, ele proporciona subsídios que podem facilitar a compreensão do aluno em relação ao conhecimento histórico. Instituinto novos modelos para o ensino superior aproximando o ensino da pesquisa.

Na década de 1990 foi aprovada a LDB 9.394/96 trazendo inovações para as instituições de ensino superior, como a obrigatoriedade de recredenciamento dos cursos e avaliações periódicas. Para as instituições particulares a nova lei segundo Santos, Cerqueira (2009, p. 7) “representou uma ameaça de perda de status e autonomia.” No ensino de História serviu para separar a formação acadêmica do pesquisador da sua profissionalização como docente. O curso passou a direcionar o foco para a pesquisa científica com busca pela formação de um professor-pesquisador (FERREIRA, 2016).

Porém, o curso de História tinha uma formação que envolve tanto o bacharelado como a licenciatura, trazendo um currículo que soma as disciplinas pedagógicas necessárias para obter as duas habilidades. Gerando uma preocupação com a formação integral do indivíduo, proporcionando condições de se tornar um professor-pesquisador. Neste sentido Ferreira (2016, p. 36) aponta que “a docência é o principal espaço de colocação profissional do Historiador. Assim, sejam bacharéis ou licenciados, ambos acabam por se inserir no mercado de trabalho enquanto docentes.”

Nas primeiras décadas dos anos 2000 houve o aumento da oferta de ensino superior no Brasil por meio de fatores, tais como: “implementação de Medidas Provisórias, Projetos de Lei, Leis e Decretos viabilizando o aumento do número de matrículas no ensino superior nas Instituição de Ensino Superior (IES) públicas e manteve-se o crescimento das IES privadas.” (AGAPITO, 2016, p. 131). Essa ampliação ocorreu quando o governo brasileiro resolveu estabelecer parcerias com o Banco Mundial e o FMI para financiar a educação no país. O resultado foi a criação dos seguintes programas:

Programa Universidade para Todos (PROUNI); o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES); o Programa Universidade Aberta do Brasil (UAB) e o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). (AGAPITO, 2016, p. 132)

Esta parceria facilitou o acesso e a permanência do estudante de baixa renda no ensino superior, o que demandou investimento no setor público e proporcionou o ingresso no setor privado, dando oportunidade para seu crescimento.

Implementaram também políticas públicas para facilitar o acesso de todos como a aprovação da Lei n. 12.711/12 que assegura vagas no ensino superior e ensino médio federal para alunos oriundos de escola pública, pretos, pardos e indígenas (GOMES et al, 2018). Essa lei ficou popularmente conhecida como Lei das Cotas.

Pode-se observar que a maioria dos programas e ações recentes do MEC que são direcionados ao ensino superior tem “a necessidade de satisfazer a crescente demanda por estudos superiores, associado ao afã de racionalizar recursos.” (MANCEBO, 2004, p. 3). Referem se as políticas públicas implementadas para ampliação do acesso e permanência do indivíduo no ensino superior.

Adentrando no processo educacional do Curso de História da UEG de Pires do Rio-GO observamos que fica a cargo de cada curso desenvolver seu Projeto Político Pedagógico. Tomando o devido cuidado para que atenda às necessidades de seu público-alvo, estando em conformidade com as exigências do governo como aponta Veiga (2006, p. 4) “O governo (MEC/SESU/CAPES/INEP) determina os parâmetros de qualidade institucional, e muitas instituições de educação superior organizam e desenvolvem um programa de preparação de seus docentes, orientadas por tais parâmetros.” Trata-se do estabelecimento de parâmetros que determinam os itens necessários para a formação do acadêmico, ficando a cargo do docente intermediar o conhecimento estabelecido no currículo com a realidade dos alunos dentro de sala de aula, como descreve Sacristan (2000, p. 166)

[...] significa conceber o professor como um mediador decisivo entre o currículo estabelecido e os alunos, um agente ativo no desenvolvimento curricular, um modelador dos conteúdos que se distribuem e dos códigos que estruturam esses conteúdos, condicionando, com isso, toda a gama de aprendizagem dos alunos.

Assim, o docente ganha autonomia para utilizar o currículo da sua maneira, levando em consideração a realidade da sala de aula em que se encontra. Uma forma de construir a identidade do curso e oferecer as condições necessárias para um contato inicial do acadêmico com a prática de sua profissão.

Diante disso, pode se perceber que o Curso de História da UEG de Pires do Rio-GO apresenta em sua estrutura um regime seriado anual, com um tempo regular de integralização de quatro anos, podendo ser estendido até no máximo sete anos conforme previsto na legislação vigente (SILVA et al, 2009).

Quanto ao conteúdo ministrado nas disciplinas reconhece que a História é plural, ou seja, abre espaço para o diálogo entre os diferentes paradigmas (SILVA et al, 2009). Pensando nisso, pode-se observar que seu objetivo está voltado para a construção de conhecimento histórico relacionados a prática cotidiana dentro de sala de aula possibilitando o estudo de novas metodologias para ensinar História.

Dessa forma, o ensino de História dentro das instituições de ensino superior tem a capacidade de levar os acadêmicos a compreenderem as múltiplas formas de ensinar e aprender História na atualidade (FERREIRA, 2016). Constatando que pode ir além dos muros da instituição, interagindo com o meio em que o indivíduo se encontra.

Uma boa alternativa para isso é a utilização de novas metodologias no ensino de História, pois cabe ao acadêmico dominar estes recursos estabelecendo estratégias de ensino que contribuam com a prática exercida dentro de sala de aula. Uma forma de facilitar a compreensão do conhecimento a ser obtido pelos acadêmicos dentro das instituições de ensino. Pontos que serão mais aprofundados no item a seguir.

## **2- A HISTÓRIA CONTADA PELOS ACADÊMICOS DO CURSO DE HISTÓRIA DA UEG DE PIRES DO RIO-GO**

Ao analisarmos os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de História da UEG de Pires do Rio-GO percebemos que trabalham com os mais variados tipos de autores para acompanhar as mudanças sofridas pela sociedade e as inovações metodológicas ocorridas ao longo do tempo. Pontos que podem ser observados nesta pesquisa após a análise de cinco destas produções, considerando que de forma geral se assemelham por discorrer sobre temáticas como: o contexto histórico, a disciplina de História e o uso de diferentes metodologias no ensino de História.

Mas em uma análise detalhada se diferenciam por trazer o estudo de recursos variados para o ensino de História, dentre os quais se destacam: a música, o filme, a literatura e a história em quadrinhos. Itens que perpassam o ambiente escolar e devem ser utilizados pelo professor no ensino de História, tornando estas propostas relevantes para serem estudadas pelos acadêmicos do Curso de História da UEG de Pires do Rio-GO.

Detalhando ainda mais a respeito dos autores presentes nas fontes analisadas, pode se notar no TCC “Música caipira na sala de aula: vamos ouvir e aprender História” de Taísa Ferreira Tavares (2015), que a acadêmica se baseia em autores como: Fonseca (2003), Ferreira (1999) e Oliveira (2012), para retratar o uso de novas metodologias no ensino de História.

Constatando que a busca por novos recursos didáticos no ensino de História não é apenas dos acadêmicos dentro das universidades, mas também dos docentes que estão na sala de aula, pois trata-se de uma prática fundamental para o exercício da profissão. Porém, Fonseca (2003, p. 70) adverte que “para ser professor é necessário dominar os conhecimentos específicos da disciplina que vai ministrar.” Apontando que é importante o docente saber utilizar um recurso ao inseri-lo na sala de aula.

Tavares (2015) relata que o professor deve dominar o uso dos novos recursos tecnológicos para apresentar o conteúdo de forma que desperte o interesse do aluno pelo ensino de história. A esse respeito Oliveira (2012, p. 264) descreve que

entendo que devemos nos informar e nos formar para lidar com os conceitos de história de nossos/as alunos/as, bem como com os modos pelos quais eles/elas percebem como se processa a construção da história, porque, caso contrário, estaremos realizando atividades sem sentido, não importando quão moderno seja o recurso tecnológico que escolhemos para a nossa aula.

O uso de novas tecnologias para Tavares (2015), que adota a música como recurso, serve como uma forma de renovar o ensino de História e torná-lo mais atrativo para os alunos. Considera, ainda, que o docente deve se preocupar com a escolha desses recursos para que possa utilizá-los de maneira correta, atingindo seus objetivos. Neste sentido, Ferreira (1999, p. 147) menciona que “Aliado a estes recursos o professor deve ter domínio dos conteúdos e das diversas metodologias, dentre as quais possa escolher a que melhor se aplica à construção do conhecimento histórico.”

Pontos que Tavares (2015) demonstrou estar inteirada quando elegeu como recurso a música, em específico a caipira, para o ensino de História afirmando que “a música é um recurso amplamente utilizado nas escolas públicas” (CHAVES, 2006, p. 150). Trata-se de um recurso capaz de influenciar a formação do indivíduo, quando abordam questões do cotidiano da sociedade, levando os alunos a se identificar com a letra na voz dos cantores.

Assim, Tavares (2015, p. 18) afirma que “a música trabalhada enquanto recurso didático apresenta resultados na sala de aula.” Sendo utilizada para aproximar professor e aluno de modo que ocorra trocas de ideias sobre o conteúdo ministrado. O uso desses recursos provoca uma mudança no processo de ensino-aprendizagem, onde o ensino deixa de ser mera reprodução do conteúdo pelo docente e passa a ser construído dentro da sala de aula com a participação dos discentes, como menciona Fonseca (2003, p. 164) “ao incorporar diferentes linguagens no processo de ensino de História reconhecemos não só a estreita ligação entre os saberes escolares e a vida social, mas também a necessidade de (re)construirmos nosso conceito de ensino

aprendizagem.” Essas estratégias servem como uma forma de atrair a atenção do indivíduo que está em processo de formação para que possa haver a construção do seu conhecimento.

Dessa forma, Tavares (2015) acredita que a letra de uma música é capaz de envolver o ouvinte dando oportunidade para se pensar sobre um determinado acontecimento ou na sociedade como um todo, como aponta Oliveira (2012, 270) “a música propõe diferentes caminhos para observar e intervir no processo de desenvolvimento.” Constatando que a música caipira, é repleta de valor cultural e quando inserida na sala de aula proporciona ao aluno pensar seu cotidiano, comparando a realidade do campo com a da cidade, pois segundo Chaves, Garcia (2008, p. 04) “a música caipira faz parte da memória, está dentro de um contexto que expressa às angústias do homem do campo frente a sua nova realidade que é urbana [...]” Despertando no aluno um sentimento de identidade, quando se reconhecem como sujeitos pertencentes a um determinado grupo social.

Em se tratando do uso da música, neste caso a música caipira, como recurso didático no ensino de História, Tavares (2015, p. 30-31) argumenta que “podem ser usadas como recurso didático para as aulas de História para que os alunos possam ‘mergulhar’ ou viajar no tempo e com isso possibilita-se maior interesse pela aula e conseqüentemente melhora e enriquece a aprendizagem.” Como se pode observar Tavares (2015) acredita que a música é um recurso viável para o ensino de História, pois tem a capacidade de se aproximar do cotidiano dos alunos, fazendo com que se identifiquem com o conteúdo. Isso torna as aulas de História mais atrativas e interessantes.

Agora, o TCC “Todas as cores do negro: de todas as cores as mesmas cores” de Eduarda Mesquita Silva (2018), traz autores como: Hunt (2010), Melo (2014) e Santos (2009) que apontam as possibilidades de uso da literatura no ensino de História. Uma metodologia que, para Silva (2018), contribui com o desenvolvimento da “consciência histórica” do aluno, tornando-o um ser crítico, curioso e atento a sua realidade. A esse respeito Santos (2009, p. 10) menciona que “a Literatura pode e deve ser utilizada como documento histórico, capaz de revelar as mudanças e permanências da sociedade de uma época.” Sendo que o uso da literatura estimula a capacidade do indivíduo compreender e interpretar a narrativa histórica, transformando-o em um cidadão crítico. Ponto que se torna possível quando o indivíduo entra em contato com uma grande variedade de linguagens durante sua formação, dentre as quais está a literatura (HUNT, 2010).

Silva (2018) acredita que o uso da literatura como recurso dentro de sala de aula se torna uma oportunidade adequada para despertar a curiosidade do aluno, instigando-o a querer conhecer mais sobre um determinado assunto. Porém, com a supervisão do docente que faz a

mediação entre o conteúdo ministrado e a interpretação feita pelo discente para que se possa compreender a mensagem que o autor do texto pretende transmitir para o leitor. Entretanto, o docente deve estar ciente que

ao trabalhar com a documentação literária, depara-se com a questão de que quase nunca é o primeiro leitor do documento, tendo de abordá-lo em diálogo com uma escala, um sistema de referências, uma história literária, que já classificou, hierarquizou as escritas, as obras e os autores. História que, geralmente, realizou tais operações deixando lacunas, dilacerando os significados, deslocando e subvertendo as significações, cabendo a um novo olhar sobre estes criar novas imagens e inverter outras. (BORGES, 2010, p. 107)

Cabe ao docente a função de analisar e problematizar a narrativa histórica abordada no texto literário, bem como o contexto no qual a obra foi produzida, proporcionando ao discente as condições necessárias para que consigam compreender questões do seu universo social e histórico. Trata-se, de acordo com Silva (2018, p. 12) de “um trabalho minucioso, que requer crítica e sensibilidade interpretando cada parágrafo, e entendendo o que não foi dito, especulando o conteúdo do texto, a linguagem, o papel histórico cultural que o livro traz.” Uma forma de aproximar o conteúdo da realidade do aluno, fazendo-o entender que a História não é uma coisa distante da sua história de vida, pois os fatos ocorridos no passado servem para repensar questões do cotidiano.

Dessa maneira a literatura torna-se um recurso viável para ser utilizado nas aulas de História tendo em vista que “pode contribuir para desmistificar certos preconceitos deixando claro que a História é mais do que um simples acúmulo de informações.” (SANTOS, 2009, p. 39). Proporcionando aos alunos refletir e perceber que a História não estuda um passado distante por si só, sendo uma disciplina que possibilita dialogar e comparar um determinado período histórico com a atualidade. Isso facilita a compreensão de questões complexas ocorridas ao longo da história como no caso deste TCC, a escravidão.

Assim, ao analisar este TCC contata-se que Silva (2018) faz uso de uma visão diferenciada do negro, apresentando a cor negra com um viés cultural que está carregado de simbolismo. A cor negra, aqui pode ser entendida como uma representação da resistência e luta dos negros para preservar sua cultura. Para isso Silva (2018) se embasa em autores como Evaristo (2009) e Ferreira (2017) que debatem a imagem do negro e sua trajetória de luta contra o preconceito.

Silva (2018), ainda aborda a dificuldade para a inserção do negro na literatura, pois de acordo com a autora (2018, p. 22) “passar a enxergar o negro não mais como escravo, mas como

cidadão instruído para se tornar um intelectual era ainda um pensamento imaturo, com um caminho longo a percorrer.”

Até este momento o negro era retratado nas obras literárias sob os olhos dos brancos europeus que era repleto de preconceito. Para a literatura o negro era visto como um “povo” sem História como observa Ferreira (2017, p. n/p) “a produção literária abrigava uma série de imagens distorcidas, moldadas pelo preconceito e retratando os afrodescendentes como sujeitos passivos, malandros e criminosos.” Uma representação preconceituosa do negro que perdurou no imaginário social por muito tempo, interferindo na propagação da cultura africana pelo país.

Somente com a inserção das experiências dos negros em diversas obras literárias que se tornou possível ir modificando aos poucos essa visão preconceituosa e apresentar as vivências, costumes e religiões da cultura afro-brasileira. Isso demonstra uma visão diferenciada do negro, que deixa de ser vítima da sociedade e são inseridos como indivíduos que possuem uma História de lutas que merece ser lembrada (SILVA, 2018).

Dessa forma, o uso da literatura para discutir temas polêmicos e neste caso em específico a figura do negro, torna-se uma ferramenta válida, como descreve Evaristo (2009, p. 27) “a literatura produzida pela cultura hegemônica, os textos afro-brasileiros surgem pautados pela vivência de sujeitos negros/as na sociedade brasileira e trazendo experiências diversificadas, desde o conteúdo até os modos de utilização da língua.” Trata-se de textos importantes para o ensino de História, pois diversificam o conteúdo exposto pelo livro didático ou mesmo na historiografia, proporcionando novos olhares sobre o tema.

Neste sentido, Melo (2014, p. 12) afirma que

a utilização da Literatura no ensino de História nos leva a perceber a importância da narrativa histórica para o processo de aprendizagem e o desenvolvimento do conhecimento escolar nos alunos e, ainda, nos faz refletir sobre o fato de que a narrativa remete à relação entre o personagem e a autoria da obra literária.

A literatura na visão de Silva (2018) ao ser utilizada como recurso no ensino de História abre um leque de possibilidades para o ensino-aprendizagem, aproximando o conteúdo do cotidiano dos alunos, o que facilita sua compreensão.

Já no TCC “A Era Vargas a partir do filme Olga (2004)” de Tolentino de Freitas Silva Neto (2018), faz uso do cinema como um recurso viável para o ensino de História, tendo como suporte teórico os seguintes autores: Rosenstone (2010) que apresenta uma teoria adequada para se analisar o filme. Além de Ferro (2010) que discorre sobre o uso do filme como documento viável para o ensino de História.

A respeito do uso do filme como recurso didático Silva Neto (2018, p. 12) aponta que “os filmes históricos têm uma função essencial, pois buscam fazer representações do mundo passado, o que dá subsídio ao telespectador para fazer relações do já vivido com os acontecimentos no mundo atual.” Um recurso importante para uso nas aulas de História, pois possibilita ao indivíduo analisar os fatos e atribuir significado para os acontecimentos do passado.

A inserção do filme na sala de aula facilita a compreensão do aluno, pois com o auxílio da ilustração visual é possível observar todos os detalhes descritos em uma narrativa histórica, como menciona Rosenstone (2010, p. 13) “são necessários mais do que palavras impressas em uma página para entender como o cinema apresenta o mundo do passado. São necessárias imagens em movimento em uma tela, música e também efeitos visuais.” Fatores que fazem do filme um importante aliado do docente no ensino de História.

Um filme tem a capacidade de falar muito mais que um documento escrito, caminhando em busca de representar os fatos com linguagens acessíveis ao público de sua época. Em outras palavras “trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte.” (NAPOLITANO, 2008, p. 11-12).

O filme deve adentrar a sala de aula como um produto cultural carregado de significados e intenções de quem o produziu cabendo ao docente a função de analisar e interpretar este recurso juntamente com o aluno para que se consiga produzir um conhecimento acerca do conteúdo ministrado. O professor deve, ainda, contextualizar o filme e problematizar os acontecimentos aproximando-os da realidade do aluno, de maneira que prenda sua atenção e proporcione maior interesse pelo conteúdo ministrado, melhorando seu aprendizado.

Mas, para um filme ser reconhecido como um trabalho histórico tem que passar por um rigoroso critério como ressalta Rosenstone (2010, p. 75) “o longa-metragem comercial (em grande parte como a história escrita) conta o passado como uma narrativa com começo, meio e fim. Uma narrativa que oferece ao espectador uma mensagem moral e (geralmente) uma sensação de exaltação.” Trata-se de submeter o filme a um processo de análise antes de inseri-lo em sala de aula, onde o professor atenta-se a mensagem que o filme quer transmitir para o telespectador. Com o devido cuidado para não distorcer os fatos históricos, apresentando apenas uma narração do que realmente aconteceu.

Por isso, pode se observar que os docentes estão cada vez mais a procura de mídias que retratem a História apresentando quesitos como: “exatidão dos detalhes, utilização de

documentos originais, adequação da música e do visual ou a aparente conformidade de um ator para interpretar um personagem cuja linguagem corporal, voz e gestos nunca pudéramos conhecer a partir dos registros históricos.” (ROSENSTONE, 2010, p. 57).

Esses fatores são fundamentais para a utilização de um filme dentro de sala de aula, e o historiador deve ir além, analisando pontos como: “a narrativa, o cenário, a escritura, as relações do filme com aquilo que não é filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime de governo.” (FERRO, 2010, p. 33). Uma forma de proporcionar ao indivíduo as condições necessárias para que consiga compreender a realidade representada por um filme. Como continua Ferro (2010, p. 78)

se considerarmos a produção cinematográfica como conteúdo histórico, todas as suas influências de desenvolvimento e de consciência – histórica, ideológica, e cultural, entenderemos a responsabilidade que a escola tem perante seus alunos de oferecer um contraponto com suficiente embasamento para que o aluno possa construir uma visão mais ampla e crítica do mundo.

Assim, o indivíduo terá condições de desenvolver um raciocínio crítico diante dos fatos, buscando sempre respostas para suas indagações. Itens que são fundamentais para a evolução do seu processo de ensino-aprendizagem.

Em meio a esta discussão constata-se que o referido trabalho utiliza como fonte o filme *Olga* (2004), que segundo Silva Neto (2018, p. 09) “retrata o que aconteceu nos campos de concentração nazista e o Brasil revolucionário de Vargas, como aconteceu este processo, a relação de quem está no poder.” Parte importante da História que determinou os rumos do país. Por isso, deve ser conhecida e estudada pelos alunos dentro de sala de aula, contando com a devida mediação do docente.

O filme de acordo com Silva Neto (2018) acompanha a história de vida de Olga Benário, personagem que ganhou destaque e importância na História do Brasil durante a Era Vargas. Uma forma de contar a História do nazismo e da Era Vargas dando voz para uma História conhecida por poucos para conquistar o público.

Esse retrato fiel do cotidiano de Olga se torna um diferencial, que como aponta Silva Neto (2018), classifica o filme um documento histórico apropriado para ser utilizado pelo docente como forma de deixar a temática mais interessante para o aluno, proporcionando um ponto de vista inovador para um assunto já conhecido. Porém, com o direcionamento do docente para conduzir a aula de maneira interessante e acompanhar a construção do conhecimento no aluno.

Outro TCC analisado denomina-se “Lendo nas entrelinhas dos quadrinhos: o ensino de História de Goiás a partir da Revista *Doca e Lucas*” de Marcelo Augusto Faria Fontes (2016),

que conta com a utilização de autores como: Bittencourt (2011) e Schmidt (2015) que discorrem sobre o uso de diferentes linguagens no ensino de História, com o objetivo de proporcionar as condições necessárias para que o indivíduo consiga construir a História (SCHMIDT, 2015).

Isso ocorre quando o docente utiliza um documento ou fonte no ensino de História, pois tem a capacidade de ampliar o conhecimento do aluno e transformar suas concepções, proporcionando um novo olhar para um mesmo fato (SCHMIDT, 2015).

Observa-se que a produção analisada faz uso da linguagem dos quadrinhos para ensinar História de Goiás pautada no estudo de autores como Ferreira (2013), Vergueiro (2014) e Vilela (2014) que relatam sobre as possibilidades de aprendizagem que a história em quadrinhos pode proporcionar e mais especificamente menciona autores como: Chaul (2001) e Marcondes (2014) que possuem obras relacionadas à História de Goiás, pois trata-se de um conteúdo escasso ou mesmo inexistente em alguns livros didáticos, dando autonomia para o docente adotar seu próprio recurso didático sobre o tema.

Diante disso, Fontes (2016) afirma que o uso da história em quadrinhos pode levar os alunos a tomar gosto pelas aulas de História, ajudando no desenvolvimento de sua criatividade. Além de proporcionar novos caminhos para que o aluno alcance o conhecimento, aperfeiçoando o processo de ensino-aprendizagem.

Neste sentido, Vilela (2012, p. 91) menciona que

Não é à toa que exista um número cada vez maior de professores que já utilizam ou ao menos consideram a possibilidade do uso de HQs no ensino de História. No entanto, essa utilização ainda é relativamente pequena ou modesta se compararmos com o que já ocorre em outras disciplinas, especialmente Língua Portuguesa e Língua Estrangeira Moderna (Inglês, Espanhol, etc).

Porém, deve-se tomar cuidado quanto ao seu uso, considerando que este tipo de recurso apresenta uma representação da realidade repleta de intenções e ideologias como aponta Vilela (2014, p. 114)

Ainda que inconscientemente, toda história em quadrinhos reflete valores, visões de mundo, ideologias. O autor pode tanto expressar uma posição estritamente pessoal (o chamado “trabalho de autor”) quanto, no caso de uma história em quadrinhos criada sob encomenda, reproduzir um discurso que reflita o posicionamento político da editora ou companhia para a qual trabalha.

Pontos pelos quais necessitam da intervenção do professor para orientar e direcionar o conhecimento histórico a ser adquirido pelo aluno, para que consiga contribuir com a formação de um leitor capaz de analisar e interpretar diversos elementos linguísticos. Considerando que a história em quadrinhos possui uma linguagem em códigos, como descreve Vergueiro (2014, p. 31)

nota-se que as histórias em quadrinhos constituem um sistema narrativo composto por dois códigos que atuam em constante interação: o visual e o verbal. Cada um desses ocupa, dentro dos quadrinhos, um papel especial, reforçando um ao outro e garantido que a mensagem seja entendida em plenitude. Alguns elementos da mensagem são passados exclusivamente pelo texto, outros têm linguagem pictórica a sua fonte de transmissão.

É necessário observar, de acordo com Fontes (2016, p. 43) quesitos, tais como: “as várias linguagens e qualquer detalhe de um balão, a face do personagem ou modo das sequências dos quadros de imagens e texto”. Isso porque todos os detalhes expostos em uma história em quadrinhos são fundamentais para se compreender a mensagem que o quadrinho quer passar. Fator que requer o auxílio do professor para decifrar os significados, de maneira que o indivíduo tenha condições de chegar ao conhecimento histórico.

Assim, o uso da história em quadrinhos deixa de ser um recurso alternativo no ensino de História e passa a ter função de despertar o raciocínio crítico do aluno, tornando-se um instrumento importante para problematizar aspectos políticos, sociais e econômicos da sociedade.

Mas, para que o uso deste recurso ocorra de maneira significativa, segundo Fontes (2016), o docente deve ser criativo e buscar assuntos próximos ao cotidiano do aluno para poder relacionar com os fatos históricos, o que torna o ensino-aprendizagem mais interessante e diferenciado.

Como no caso específico deste TCC analisado, que propõe o uso da revista em quadrinhos “*Doca e Lucas*” para ensinar História de Goiás, onde os quadrinhos contam a História de uma viagem feita para Goiânia pelos personagens: tio Doca, o fusca pequi e o sobrinho Lucas (FONTES, 2016). Durante esta viagem os personagens apresentam a História de Goiás de forma lúdica, discorrendo, conforme Fontes (2016), sobre as expedições bandeirantes ocorridas nos séculos XVI e XVII, bem como a fundação da primeira capital do estado e a mudança para a nova capital.

Com isso, o docente consegue se aproximar do cotidiano dos alunos, analisando e interpretando os fatos de maneira que auxilie sua aquisição do conhecimento, considerando que os quadrinhos foram incorporados no ensino de História para facilitar a compreensão da mensagem que o docente deseja transmitir e valorizar o conhecimento prévio do indivíduo.

Dessa forma, a aula se torna mais dinâmica, capaz de prender a atenção do aluno, principalmente quando o professor o incentiva a usar a imaginação para construir sua própria história em quadrinhos como descreve Souza, Muniz (2013, p. 2) “A construção da história em quadrinhos é indicada para ser trabalhada com os alunos com a finalidade de desenvolver a arte,

leitura e a escrita.” Ampliando seus horizontes através do incentivo da sua criatividade e capacidade crítica diante dos fatos históricos.

Fontes (2016) acredita que estes quesitos sejam fundamentais para tornar a história em quadrinhos uma ferramenta didática adequada ao ensino de História, sendo capaz de contribuir para melhorar o processo de ensino-aprendizagem quando chama a atenção dos leitores para o assunto trabalhado em sala de aula.

Por último analisou-se o TCC “História de vida de professores – aposentado, atuante e desistente – em Palmelo-Goiás” de Carolina Silva Barbosa (2015), que serviu como fonte de interligação dos demais textos por debater a formação de professores através do estudo de suas histórias de vida com o auxílio de autores como: Novoa (2007), Bragança (2011) e Josso (2010).

Observando a influência que a formação do professor exerce sob sua prática pedagógica, como destaca Bragança (2011, p. 158) “a formação é um processo interior; ela liga-se à experiência pessoal do sujeito que se permite transformar pelo conhecimento.” O professor ao adentrar a sala de aula coloca em prática os conhecimentos e métodos que aprendeu ao longo de sua formação. Além de utilizar suas experiências de vida sobre um determinado assunto ou situação que porventura ocorra no cotidiano da sala de aula.

Percebemos que cada docente tem seu próprio método de ministrar uma aula, pois as histórias de vida dos docentes interferem diretamente em sua prática profissional, como Nóvoa (2007, p. 16) expõe “[...] cada um tem o seu modo próprio de organizar as aulas, de se movimentar na sala, de se dirigir aos alunos, de utilizar os meios pedagógicos, um modo que constituiu uma espécie de segunda pele profissional.”

Esses trejeitos são instituídos no docente durante seu processo de formação profissional que os acompanham durante toda sua prática, os capacitando para saberem lidar com as novas tecnologias que vão surgindo no ensino.

Porém, Barbosa (2015) acredita que a história de vida do docente necessita ser estudada pelo pesquisador que está no ambiente acadêmico para que se compreenda os motivos que o levaram a tomar determinadas atitudes em sua prática cotidiana na sala de aula. A esse respeito, Nóvoa (2007, p. 10) afirma que é preciso “[...] refletir sobre seus percursos profissionais, sobre o modo como sentem a articulação entre o pessoal e o profissional, sobre a forma como foram evoluindo ao longo da sua carreira.” Uma maneira da instituição de ensino superior, através da pesquisa científica, pensar a respeito do tipo de profissional que almejam formar em seus cursos. Instruindo e direcionando sua formação para que atenda às necessidades impostas pela sociedade a qual estão inseridos.

O estudo da história de vida do docente segundo Josso (2010, p. 47)

permite, com efeito, trabalhar com um material narrativo constituído por recordações consideradas pelos narradores como ‘experiências’ significativas das suas aprendizagens, da sua evolução nos itinerários socioculturais e das representações que construíram de si mesmo e do seu ambiente humano e natural.

Pontos que fazem o pesquisador analisar a narrativa dos profissionais que estão dentro da sala de aula e avaliar seu processo de formação para que possa constatar suas deficiências com a intenção de alertar as instituições de ensino superior para corrigi-las nas futuras gerações. Além disso, criar alternativas, como por exemplo: curso de reciclagem e/ou complementar, que servirão para auxiliar os profissionais atuantes na sala de aula a amenizar essas defasagens, considerando que a formação do professor deve ser continuada, pois enquanto formador de opinião deve estar em constante aprendizado, aprimorando seu pensamento à medida que vai se tornando mais experiente (BARBOSA, 2015).

Por isso, é necessário, como descreve Nóvoa (2007, p. 10) “despertar nos professores a vontade de refletir sobre seus percursos profissionais” de modo que queiram atualizar sua prática para se aproximar da realidade do aluno, ou seja, do cotidiano social em que se encontram.

Em muitos casos essa defasagem ocorre na dificuldade que o docente tem de deixar de lado uma aula tradicional e buscar novas metodologias para o ensino. Existe ainda o despreparo do profissional para o uso das tecnologias dentro de sala de aula fator que inviabiliza seu uso pelo professor. Pontos a serem superados para melhorar a prática pedagógica.

Ao analisar este TCC observa-se que Barbosa (2015) fez uso da história oral, por meio de entrevistas com três docentes que moram na cidade de Palmelo-Goiás. Os entrevistados em relação a profissão de professor encontram-se nos seguintes estágios: aposentado, atuante e desistente. Apresentam em suas narrativas pontos de vista diferenciados da profissão quando perguntados sobre aspectos como: “o início da escolarização, o ingresso, a permanência ou não na docência, a visão sobre a aposentadoria e o magistério na atualidade o comparando à sua trajetória escolar.” (BARBOSA, 2015, p. 16).

Trata-se de quesitos que são relevantes para a compreensão das suas histórias de vida tanto pessoal como profissional, nos permitindo obter informações sobre a profissão e o tipo de profissional que as instituições de ensino superior estão formando.

Dessa forma, Barbosa (2015) aponta a importância do resgate da formação profissional dos docentes para a pesquisa científica, pois somente com o conhecimento da história de vida é possível aprimorar a prática exercida em sala de aula.

Observamos, ao final, que os TCC's analisados nesta pesquisa abordam como tema central o uso de recursos variados para o ensino de História. Porém, nos quatro primeiros textos os autores apresentam o assunto de forma teórica, utilizando como metodologia a revisão bibliográfica com o objetivo de analisar os temas propostos sem testá-los dentro de sala de aula. Apenas no último texto que a autora faz uso da prática, indo em busca de professores que exercem ou exerceram a profissão. Adotando como metodologia a história oral por meio de entrevistas com o intuito de resgatar a memória dos sujeitos.

Assim, de um modo geral as produções que são desenvolvidas no Curso de História da UEG de Pires do Rio-GO, cujo foco está na formação em licenciatura do indivíduo, dedicam-se em capacitar seus alunos para saberem lidar com todos os tipos de fontes e situações que porventura apareçam no cotidiano da sala de aula.

### **3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com o passar das décadas muitos foram os debates sobre ensino de História, seus materiais, métodos e concepções. O exercício da crítica é a principal ferramenta pela qual o historiador consegue pensar a História. Neste sentido, o docente sempre foi um importante mediador para interligar os fatos históricos com o conhecimento prévio do acadêmico de forma a direcionar o que deve ser transmitido dentro da sala de aula, observando que o ensino de História tem o intuito de formar cidadão críticos e participativos na sociedade.

Dentro das instituições de ensino superior não foi diferente ocorrendo diversas mudanças conceituais, bem como no formato dos cursos, principalmente no que diz respeito ao Curso de História, que se desvinculou da disciplina de geografia e modificou sua habilitação separando as disciplinas necessárias para o bacharelado das direcionadas a licenciatura.

Em relação ao viés metodológico do Curso de História houve mudanças referentes na sua finalidade que buscou sempre a democratização do ensino, apresentando uma forma de ensinar onde todos os indivíduos se reconheçam como sujeitos integrantes da História. Para isso, tornou-se possível a utilização de diferentes metodologias para se ensinar História, contribuindo com a propagação de um ensino crítico e participativo dentro das universidades.

Todas essas mudanças direcionadas ao ensino superior foram pensadas visando pontos como: um modelo de universidade inclusivo, a continuidade do ensino através da ampliação dos cursos de pós-graduação e o atendimento dos interesses político-ideológico dos órgãos e instituições reguladoras.

Diante disso, percebe-se que o Curso de História da UEG de Pires do Rio-GO está seguindo as mudanças ocorridas no ensino de História, inovando sua metodologia de ensino e incorporando o uso das diferentes tecnologias na sua prática cotidiana. Essas mudanças refletem nas produções dos alunos, que estão em constante atualização.

O referido curso tem uma formação voltada para a licenciatura o que proporciona aos acadêmicos produzirem pesquisas científicas que reflitam sobre a prática pedagógica do professor de História, bem como as tecnologias disponíveis para uso no ensino de História. Uma forma de conhecer e aprender a utilizar todas as metodologias possíveis em uma aula de História.

Por isso, é indispensável a troca de experiências entre os acadêmicos e os docentes que atuam na sala de aula para que juntos aperfeiçoem sua prática pedagógica. Fator que pode ser verificado em algumas produções por serem um desdobramento do trabalho realizado no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Programa que necessita por parte do Curso de História da UEG de Pires do Rio-GO o estabelecimento de convênios com algumas instituições da rede pública de ensino situadas no município. Seu intuito é construir uma ponte entre o conhecimento teórico produzido no ambiente acadêmico e a realidade prática vivida dentro da sala de aula.

Portanto, pode-se constatar que o Curso de História da UEG de Pires do Rio-GO proporciona uma aproximação entre os dois ambientes dando aos indivíduos que pretendem se formar a oportunidade de pesquisar e estudar a prática de sua futura profissão para que aprofunde seu conhecimento e adquira experiência com a sala de aula. Pontos fundamentais ao adentrar em uma nova profissão. Além de ser uma oportunidade de manter as discussões ocorridas no Curso de História sempre atualizadas, inovando e estimulando o interesse dos acadêmicos pelo curso.

## REFERÊNCIAS

AGAPITO, Ana Paula Ferreira. Ensino superior no Brasil: expansão e mercantilização na contemporaneidade. **Temporalis**, v. 16, n. 32, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/14064> Acesso em: 20/11/2020.

BARBOSA, Carolina Silva. História de vida de professores – aposentado, atuante e desistente – em Palmelo-Goiás. **Monografia** – Curso de História, Universidade Estadual de Goiás, Pires do Rio-GO, 2015.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**, 4º ed., São Paulo: Cortez, 2011.

BORGES, Valdeci. História e Literatura: Algumas Considerações. In: **Revista de Teoria da História**. Catalão: UFG/Campus de Catalão. v. 01, n. 03, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/28658/16073> Acesso em: 20/11/2020.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Sobre o Conceito de Formação na Abordagem (auto)biográfica. **Educação**, Porto Alegre-RS, v. 34, n. 2, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/8700/6352/> Acesso em: 20/11/2020.

CHAUL, Nasr Nagib Fayad. **Caminhos de Goiás: Da Construção da Decadência aos Limites da Modernidade**. 2º ed. Goiânia: UFG, 2001.

CHAVES, Edilson Aparecido; GARCIA, Tânia Maria F. Braga. A música Caipira em Aulas de História: Questões e Possibilidades. In: **Anais – XI Encontro Regional da Associação Nacional de História**. Jacarezinho-PR: Universidade Federal do Paraná, 2008. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/mydownloads\\_01/singlefile.php?cid=42&lid=6850](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/mydownloads_01/singlefile.php?cid=42&lid=6850) Acesso em: 23/11/2020.

CHAVES, Edilson Aparecido. A Incorporação de Diferentes Fontes e linguagens no Ensino de História. In: **Didática e Prática de Ensino de História**. Campinas-SP: Papyrus, 2006.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, 2009. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6160270.pdf> Acesso em: 20/11/2020.

FALCON, Francisco José Calazans. A pós-graduação como objeto histórico. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, ano I, 1999-2000. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/13247/10121> Acesso em: 15/11/2020.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. **Ensino de História e a Incorporação das novas Tecnologias da Informação e Comunicação: Uma Reflexão**. Salvador-BA: Universidade Católica de Salvador, 1999.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **A História como ofício: a constituição de um campo disciplinar**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

FERREIRA, Marieta de Moraes. O ensino da história, a formação de professores e a pós-graduação. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 23, n. 44, 2016. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/18274/68383-300774-1-PB.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 13/12/2020.

FERREIRA, Shirley. **Literatura Negra Brasileira**. 2017. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/noticia/literatura-negra-brasileira/> Acesso em: 17/12/2020.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

FONSECA, Selva Guimarães. Ensino de História: diversificação de abordagens. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 9, n. 19, 1990. Disponível em: [https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=3885](https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3885) Acesso em: 01/12/2020.

FONTES, Marcelo Augusto Faria. Lendo nas entrelinhas dos quadrinhos: o ensino de história de Goiás a partir da revista Doca e Lucas. **Monografia** – Curso de História, Universidade Estadual de Goiás, Pires do Rio-GO, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed., São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Valter; MACHADO-TAYLOR, Maria de Lourdes; SARAIVA, Ernani Viana. O Ensino Superior no Brasil: breve histórico e caracterização. **Ci & Tróp.** Recife, v. 42, n. 1, 2018. Disponível em: <https://fundaj.emnuvens.com.br/CIC/article/view/1647/1395> Acesso em: 05/12/2020.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Trad. Cid Knipel, São Paulo: Cosac Naify, 2010. Disponível em: <https://aulasdathaisunitau.files.wordpress.com/2019/03/definic3a7c3a3o-de-literatura-infantil-peter-hunt-crc3adtica-teoria-e-literatura-infantil.pdf> Acesso em: 05/12/2020.

JOSSO, Marie Christine. **A experiência de vida e formação**. (Trad.). José Cláudio, Julia Ferreira. 2 ed. rev. e amp. Natal-RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

KOHN, Nestor. **Dicionário básico de categorias marxistas**. 2017. Disponível em: <https://pcb.org.br/portal/docs1/texto3.pdf> Acesso em: 02/12/2020

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCONDES, Javã Isvi Pinheiro. Território Fechado e as Zonas de Seguranças: Uma Análise Sobre a Defesa do Território em Goiás na Primeira Metade do século XVIII. In: **Territórios da História Goiás Séculos XVIII- XX**. Vol. 1. Goiânia: PUC-Goiás, 2014.

MATHIAS, Carlos Leonardo Kelmer. O ensino de história no Brasil: contextualização e abordagem historiográfica. **História Unisinos**. v. 15, n. 1, 2011. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/viewFile/959/163> Acesso em: 03/12/2020

MANCEBO, Deise. Reforma universitária: reflexões sobre a privatização e a mercantilização do conhecimento. **Educação e Sociedade**, v. 25, n. 88, 2004. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302004000300010&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302004000300010&script=sci_abstract&tlng=pt) Acesso em: 20/12/2020.

MELO, Eduardo de Quadros. História e Literatura: República Velha e a Era Vargas na obra “O Retrato” de Erico Veríssimo através do personagem Rodrigo Terra Cambará e suas contradições. (**Dissertação de Mestrado**). Mestrado em História, Universidade Federal do Maranhão – UFMA, São Luís-MA, 2014.

MORAN, José Manuel. Relatos de experiências como utilizar a internet na educação. In: **ci online**, v. 26, n. 2, Brasília-DF, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ci/v26n2/v26n2-5.pdf> Acesso em: 01/12/2020.

NAPOLITANO, Marco. **Como usar o cinema na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

NÓVOA, Antonio. **Vidas de professores: os professores e as histórias da sua vida**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2007.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. “Novas” e “diferentes” linguagens e o ensino de história: construindo significados para a formação de professores. **EntreVer**, Florianópolis, v. 2, n. 2, 2012. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/EntreVer/article/viewFile/1647/2561> Acesso em: 01/12/2020.

ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes, os filmes na história**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

RUCKSTADTER, F. M. M; RUCKSTADTER, V. C. M. As origens do ensino de História no Brasil Colonial: apresentação do Epítome cronológico, genealógico e histórico do padre jesuíta Antônio Maria Bonucci. **Revista Histedbr On-line**. n. esp., 2010. Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario8/\\_files/u5hx7iec.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_files/u5hx7iec.pdf) Acesso em: 20/11/2020.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SAMPAIO, H. Evolução do ensino superior brasileiro (1808-1990). **Documento de Trabalho 8/91**. Núcleo de Pesquisa sobre Ensino Superior da Universidade de São Paulo, 1991. Disponível em: <http://nupps.usp.br/downloads/docs/dt9108.pdf> Acesso em: 10/12/2020.

SANTOS, Ademar Firmino. Entre Fatos e Artefatos: Literatura e ensino de História nos encontros acadêmicos nacionais (1979-2007). (**Dissertação de Mestrado**). Mestrado em História Social, Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina/Paraná, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/2502/2219> Acesso em: 20/11/2020.

SANTOS, Adilson Pereira dos; CERQUEIRA, Eustaquio Amazonas de. Ensino Superior: trajetória histórica e políticas recentes. In: **Anais – IX Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**, Florianópolis-SC, 2009. Disponível em: <http://flacso.org.br/files/2016/10/Ensino-Superior-trajetoria-historica-e-politicas-recentes.pdf> Acesso em: 01/12/2020.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do Professor de História e o Cotidiano da Sala de Aula. In: **O Saber Histórico Na Sala de Aula**. 12 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, Eduarda Mesquita. Todas as cores do negro: de todas as cores as mesmas cores. **Monografia – Curso de História**, Universidade Estadual de Goiás, Pires do Rio-GO, 2018.

SILVA, Jose Santana da; OLIVEIRA, Maria de Fatima; LOBO, Sonia Aparecida. Currículo dos cursos de história da UEG: diagnósticos e proposições. In: **Anais – III EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino**, 2009. Disponível em:

[http://cepedgoias.com.br/edipe/IIIedipe/pdfs/4\\_conferencias/conf\\_curriculo\\_dos\\_cursos\\_de\\_historia.pdf](http://cepedgoias.com.br/edipe/IIIedipe/pdfs/4_conferencias/conf_curriculo_dos_cursos_de_historia.pdf) Acesso em: 20/11/2020.

SILVA, Marcos; FONSECA, Selva Guimarães. **Ensinar história no século XXI**: Em busca do tempo entendido. Campinas, SP: Papirus, 2007. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

SILVA NETO, Tolentino de Freitas. A Era Vargas a partir do filme Olga (2004). **Monografia** – Curso de História, Universidade Estadual de Goiás, Pires do Rio-GO, 2018.

SOUZA, Antonio Klinger da Silva; MUNIZ, Hstéffany Pereira. A Criação de Histórias em Quadrinhos Enquanto Recurso Didático no Ensino de História. In: **Anais** – XXVII Simpósio Nacional de História, Natal- RN, 2013. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371303699\\_ARQUIVO\\_ACONSTRUC\\_AODEHISTORIASSEMQUADRINHOSNASASULASDEHISTORIA\\_2\\_.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371303699_ARQUIVO_ACONSTRUC_AODEHISTORIASSEMQUADRINHOSNASASULASDEHISTORIA_2_.pdf) Acesso em: 05/12/2020.

SOUZA, Raylane Marques. Marx e o Materialismo Histórico. In: **Anais** – Semana de economia, 2013. Disponível em: <https://semanaecopol.files.wordpress.com/2013/01/raylane-marques-sousa-marx-e-o-materialismo-histc3b3rico-gt3.pdf> Acesso em: 02/12/2020

TAVARES, Taisa Ferreira, Música caipira na sala de aula: Vamos ouvir e aprender história. **Monografia** – Curso de História, Universidade Estadual de Goiás, Pires do Rio-GO, 2015.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Docência universitária na educação superior. In: **Docência na Educação Superior**. Brasília: INEP, 2006. (Coleção: Educação Superior em debate, v. 5)

VERGUEIRO, Waldomiro. A Linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4° ed. São Paulo: Contexto, 2014.

VILELA, Marco Túlio Rodrigues. A utilização dos Quadrinhos no ensino de História: Avanços, Desafio e Limites. (**Dissertação de Mestrado**). Mestrado em Educação, Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012. Disponível em: [http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/971/1/Marco%20Tulio%20pag%201\\_100.pdf](http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/971/1/Marco%20Tulio%20pag%201_100.pdf) Acesso em: 20/11/2020.

VILELA, Marco Túlio Rodrigues. Os quadrinhos na aula de História. In: **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4° ed. São Paulo: Contexto, 2014.

ZAMBONI, Ernesta. Representações e Linguagens no Ensino de História. **Revista Brasileira de História**, vol. 18, n. 36, Unicamp: São Paulo, 1998. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01881998000200005](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000200005) Acesso em: 17/11/2020.